

## A “NATUREZA COMUM DAS NAÇÕES” E O CASO BRASILEIRO. CORRELAÇÕES E INFLUÊNCIAS INEXPLÍCITAS DA *SCIENZA NUOVA* DE VICO

Sertório de Amorim e Silva Neto

*Abstract:* For the assiduous reader of *Scienza nuova* (1744), *Raízes do Brasil* (1936) by Sérgio Buarque de Holanda can certainly give the impression of serving the vichian ideal eternal history. But for Buarque, the course of the Brazilian nation would not follow the succession of ages, but the overlap or confusion of phases; it seemed to be a case of nation that hastened its natural course, reaching immaturity to the more advanced stages of its history, just as Vico admitted to having been the cases of ancient Greece and France during the barbarismo returned. Buarque’s descriptions of the antiquated facets of Brazilian society seem to consider the *Scienza nuova* exhibitions relating to earlier times, prior to the agrarian disputes and the formation of the heroic senates, times marked by families formed also by famulus; the most primitive and impolite possible period, before the appearance of the first *polis*, yet remarkable for the benignity emanating from the virtuous protection of the weakest by the heroes, making their homes asylums.

*Keywords:* Vico, Buarque de Holanda, Brazilian nation, Science of the nations, Patriarchal family.

\* \* \*

1. *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda tornou-se, logo imediatamente à sua publicação, em 1936, uma obra indispensável a compreensão do processo de formação da nação brasileira, «um clássico de nascença»<sup>1</sup>. Redigido em boa parte no exterior, em Berlim, nos anos em que atuou como jornalista correspondente, as análises do livro se beneficiariam sobretudo desse distanciamento do objeto. Numa conferência proferida trinta anos depois, o autor responsabilizaria a «residência [...] em terra estrangeira» por aguçar nele «certa sensibilidade a contrastes entre indivíduos de formação e culturas distintas»<sup>2</sup>, quase numa reminiscência de outro notório viajante, Descartes. Deslocar-se entrando em contato com costumes e instituições de povos diferentes, ensejava ao viajante, segundo Descartes, apreciar «mais sãmente» os próprios costumes, relativizá-los precisamente, evitando os vícios do chamado etnocentrismo. Totalmente à margem do seu projeto filosófico, as errâncias do grande racionalista o predispuseram a uma sorte de *epoché* etnocêntrica: jamais pensar «que tudo quanto é contra os nossos modos é ridículo e contrário à razão» e «que todos os que possuem sentimentos muito contrários aos nossos [...] por isso são bárbaros ou selvagens»<sup>3</sup>.

Não me parece que a «sensibilidade a contrastes» a que se referiu Buarque fosse de outro tipo. Mas um detalhe faria a diferença: as coordenadas culturais de origem, contrastantes pelo ponto de vista da consciência histórica ocidental. Com efeito, do alto da civilizada e iluminada França do dezessete, o ganho do viajante Descartes foi o de não menosprezar as culturas contrárias à sua, já Buarque, invertendo as cifras, de baixo do atraso e subdesenvolvimento brasileiros, aprenderia no estrangeiro a não supervalorizar as culturas contrárias à sua. A *epoché*, neste caso, consistiria, parafraseando, em jamais pensar que

---

<sup>1</sup> A. Candido, *O significado de “Raízes do Brasil”*, in S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, pp. 9-21, p. 10.

<sup>2</sup> S.B. de Holanda, *Elementos básicos da nacionalidade: o Homem*, in P.M. Monteiro e J.K. Eugênio (orgs.), *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*, Campinas, Editora da Unicamp, 2011, pp. 617-637, p. 617.

<sup>3</sup> R. Descartes, *Discurso do Método*, trad. J. Guinsburg e B.P. Júnior, São Paulo, Nova cultural, 1996, pp. 68, 76.

«tudo quanto é contra os nossos modos é sensato e razoável» e «que os que possuem sentimentos contrários são por isso mais educados, civilizados».

Vivendo num país de dimensões continentais e separado da Europa por um oceano, o brasileiro só dificilmente viaja e raramente se relaciona com culturas diferentes da sua, também por isso, pode-se concluir, excepcionalmente julga sãmente os próprios costumes. Permaneceria, em geral, refém de um tipo de eurocentrismo às avessas ou não-europeísmo nacional: identidade formada pela negação absoluta de tudo aquilo que o Velho Mundo representou de admirável e venerável. Daí ter se tornado uma tônica o desprezo do brasileiro por si mesmo, a opinião de que seria melhor e maior só quando deixasse de ser ele mesmo. Jamais foi o orgulho nacional o motor dos movimentos progressistas em solo brasileiro, mas «um incitamento negador», como aquele que animou a luta republicana:

o Brasil devia entrar em novo rumo, porque “se envergonhava” de si mesmo, de sua realidade biológica. Aqueles que pugnaram por uma vida nova, representavam [...] a ideia de que o país não pode crescer pelas suas forças naturais: deve formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos outros<sup>4</sup>.

Oriundo de uma terra de bárbaros, ou que, pelo menos, assim se compreendia sob o olhar alheio, Buarque perseguiu um viés historiográfico incontaminado pelas recorrentes adjetivações depreciativas, que retratavam a defasagem da sua cultura. Relativizando-a, pôde ele evitar a lógica do subdesenvolvimento e deixar emergir, de suas páginas, aquilo que era mais típico, sem rótulos, no caso brasileiro.

No estrangeiro, lemos naquele artigo, o prisma pessoal «enlaça-se naturalmente no outro, nacional», isto é, fica patente para o forasteiro a presença de algo como uma «segunda natureza», formada nele cedo, desde que das mãos da natureza foi entregue àquelas do corpo social. Em Berlim, o tema da nacionalidade tornou-se assim candente para Buarque, desafiando-o a ir escavá-la «das nossas mesmas origens [...] a partir do que [...] pareciam representar as suas nascentes ou as suas raízes»<sup>5</sup>. Não parece irrelevante essa associação entre os termos «raízes» e «nascentes»; permite ao autor, pelo contrário, precisar o gênero de investigação operada no livro e, até certo ponto, contextualizá-lo nos estudos históricos. *Raízes do Brasil* empreenderia, então, uma ciência da “nação”, na acepção mais culta, adequada à etimologia do termo, concebendo “nação” em sua origem latina remota: *natus*, nascimento, geração; empreenderia, portanto, uma ciência sobre o nascimento ou gênese histórica do Brasil. Um entrelaçamento (nação-nascimento) que poderia enredar as investigações de Buarque às de Vico, autor de uma *nuova scienza*, que propunha investigar a *comune natura delle nazioni*, admitindo, como axioma, que a «Natureza das coisas não é senão o nascimento delas em certos tempos e de certos modos»<sup>6</sup>.

Residindo no principal berço do historicismo, Buarque não pôde deixar aquela «sensibilidade a contrastes» se converter em ceticismo e relativismo absoluto, de jeito nenhum; o contato com outros povos também exerceria sobre ele uma atração, de causar alguma perplexidade, pelos «movimentos que os fazem antes solidários do que solitários ou antagônicos entre si»<sup>7</sup>. Talvez sob a influência do historicismo, *Raízes do Brasil* entremeou a aludida sensibilidade pela diversidade cultural e, então, pela singularidade daquela brasileira, com o prisma abrangente, típico do historiador, de «que deva existir nas

<sup>4</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 166.

<sup>5</sup> S.B. de Holanda, *Elementos básicos da nacionalidade...*, cit., p. 618.

<sup>6</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, a cura di F. Nicolini, Milano, Mondadori, 1992, § 147.

<sup>7</sup> S.B. de Holanda, *Elementos básicos da nacionalidade...*, cit., pp. 617-618.

sociedades humanas algum fundo comum e permanente»<sup>8</sup>. Edificado sobre uma metodologia que, em diferentes níveis, explora «conceitos polares», do início ao fim das suas interpretações, esse livro alberga a contradição, oscilando permanentemente entre um polo e outro: entre a pesquisa daquilo que é próprio e do que é comum, entre a exploração “de uma” natureza e “da” natureza, enfim, entre a investigação da «nação brasileira» e da «natureza comum das nações»<sup>9</sup>.

2. Comedido ao expor suas influências, o período em Berlim marcaria Buarque profundamente<sup>10</sup>. Lá começou a «ganhar forma definida» o seu projeto de uma «Teoria da América» e de lá chegaria trazendo «um calhamaço de suas 400 páginas»<sup>11</sup>, de onde tirou, em boa parte, *Raízes do Brasil*. Berlim deu-lhe a ocasião para uma *epoché*, mas permitiu-lhe ainda a «revisão de ideias velhas» e, o principal, a «busca de novos conhecimentos». «Recomecei a ler»<sup>12</sup>, disse ele com tom autobiográfico. Um filósofo alemão teria importância decisiva, ainda que seu teor fosse difícil de precisar. Parte dos «novos conhecimentos» procurados por Buarque teriam sido encontrados nas lições de Friedrich Meinecke, seguidas durante sua estadia. «Os livros de Weber e um pouco das lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca na minha Teoria da América»<sup>13</sup>.

Lemos em *Tentativas de Mitologia* (1979) e na entrevista a Graham (1982) que Meinecke lhe teria proporcionado «novos caminhos», mas quais? Isso ele deixou em aberto, querendo decerto largar uma rota livre à especulação dos interpretes, ou simplesmente para evitar injustiças com a gama de autores que lhe deixariam marcas. Dificultando mais ainda a identificação das indicações de Meinecke a Buarque estava sua preocupação «de não sobrecarregar meus textos com nomes e citações de autores mal conhecidos da maioria dos leitores», razão pela qual «procurava alijar de meus escritos tudo quanto tivesse um ar de coisa postiça, e dar [...] um aspecto de razoável espontaneidade»<sup>14</sup>. Assim, declarava a omissão intencional de parte das suas fontes, das menos conhecidas certamente, abrindo espaço para a investigação que nos propomos aqui, de caráter ensaístico, das correlações, descontinuidades e influências implícitas – intencionalmente implícitas – da *nuova scienza* de Vico.

Não serei o primeiro a inserir Vico no rol das indicações de Meinecke a Buarque. Maria Odila da Silva Dias diz textualmente que Meinecke o teria incentivado a ler Herder, Dilthey, Simmel e, também, o filósofo italiano Vico<sup>15</sup>. Não seria de estranhar se, de fato, o tivesse feito, ainda que se diga que Maria Odila, ao incluir Vico e Herder naquele rol, forçasse «nas

---

<sup>8</sup> Ivi, p. 619.

<sup>9</sup> A. Candido, *O significado de “Raízes do Brasil”*, cit., p. 12. Segundo ele, os contrários, naquela obra, não são meramente dicotômicos, mas o «enfoque simultâneo dos dois» resulta antes de uma decisão metodológica de tipo dialética; a alternância de conceitos explicativos polares desempenha sim função heurística, visa a obtenção, no sentido forte do termo, da «visão de um aspecto da realidade histórica» e «possui uma grande força de esclarecimento» (Ivi, p. 13).

<sup>10</sup> R. Graham, *An Interview with Sérgio Buarque de Holanda*, in «The Hispanic American Historical Review», LXII (1982), 1, pp. 3-17, p. 5.

<sup>11</sup> S.B. de Holanda, *Tentativas de Mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 30.

<sup>12</sup> Ivi, p. 29.

<sup>13</sup> Ivi, p. 30.

<sup>14</sup> Ivi, p. 16.

<sup>15</sup> M.O.L. da Silva Dias, *Sérgio Buarque de Holanda, historiador*, in S.B de Holanda, *História*, org. F. Fernandes, São Paulo, Editora Ática, 1985, pp. 7-64, pp. 18, 29.

tintas para pintar um Sérgio Buarque excessivamente hermeneuta, historista»<sup>16</sup>. Na verdade, Vico vinha sendo lido pelos historicistas alemães há décadas e Meinecke, no ano exato em que era publicado *Raízes do Brasil*, dava ao público seu livro sobre as origens do historicismo, *Die Entstehung des Historismus*<sup>17</sup>, no qual dedicou um importante capítulo a Vico, situando a *Scienza nuova* como obra precursora do pensamento histórico; por isso mesmo, é bastante verossímil que, na época em que Buarque seguia suas aulas, Meinecke se ocupasse, inclusive, de Vico e sugerisse a leitura do filósofo napolitano para os seus alunos. Nesta direção, é digno de nota o estudo de Guido que registra na biblioteca privada de Buarque a presença de quase duas dezenas de obras de comentadores de Vico, além da edição de Nicolini das suas obras completas e da *Scienza nuova* de Michelet, a totalidade desse acervo repleto de grifos de leitura e anotações, comprovando mais que curiosidade erudita, pesquisa<sup>18</sup>.

Um fato curioso foi a publicação, logo que voltou de Berlim, do conto, de sugestivo título, *Viagem a Nápoles*<sup>19</sup>. Nápoles é ali um velho casarão abandonado, cheirando a podridão e coberto de trepadeiras: uma espécie de metáfora dos Ventres de Nápoles descritos na prosa de Matilde Serao<sup>20</sup>. Sua atmosfera onírica parece pôr em cena a pobreza e penúria dos imigrantes napolitanos na São Paulo de Buarque: retrato de uma Europa decadente, com traços de subdesenvolvimento, surpreendente para o imaginário; objetivamente, o conto demonstrava a sensibilidade e o olhar atento de Buarque para a cidade de Vico, cidade que, através de Croce, mas também de Spaventa e Nicolini, o havia eleito o antecipador da filosofia idealista da história de Hegel.

3. Uma pergunta latente em *Raízes do Brasil*, que poderia ocupar o posto de *leitmotiv* da narrativa, era aquela sobre as razões do abismo que, em pleno dezenove, ainda afastava o Brasil da modernidade europeia. Mesmo antes da instauração do Regime Republicano no Brasil, no início dos anos cinquenta do dezenove, estiveram em curso reformas sociais importantes, sinalizando, à primeira vista, a marcha a passos largos do país rumo à modernização da sociedade. Tornou-se regular a constituição das sociedades anônimas, o *Banco do Brasil* ressurgiu como instituição de crédito, seriam inauguradas a primeira linha telegráfica no Rio de Janeiro e a primeira estrada de ferro, facilitando a circulação das notícias e brindando a nação com meios de transporte modernos, tudo isso imprimindo marcha sem igual à empresa capitalista. As forças produtivas se desenvolviam; a promessa era que decorreria disso, aos poucos, a mudança igualmente drástica da superestrutura brasileira: com a centralização do poder e uma maior participação política, com a eminência de formas de vida urbanas e secularizadas.

<sup>16</sup> J. Malerba, *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*, in «ArtCultura», XIV (2012), 25, pp. 9-20, p. 16.

<sup>17</sup> F. Meinecke, *El historicismo y su genesis*, trad. esp. de J.M. y San Martín y T.M. Molina, México, Fondo de cultura económica, 1943.

<sup>18</sup> H.A. de Oliveira Guido, *Nuovi contributi per gli studi vichiani in Brasile: il progetto razionalista di Vico per le scienze umane*, in G. Cacciato e M. Martirano (a cura di), *Vico nelle culture iberiche e lusitane*, Napoli, Guida, 1981, pp. 169-184, p. 170. Pelo menos a metade do acervo viquiano de Sérgio Buarque são de edições posteriores a 1936 e, portanto, ao período de escrita do livro *Raízes do Brasil*, possivelmente obtido no início dos anos cinquenta, quando atuou como professor da cátedra de Estudos Brasileiros na *Università de Roma*, mas suficientes para demonstrar o seu grande interesse, desde muito cedo, quicá, pelo filósofo napolitano.

<sup>19</sup> S.B. de Holanda, *Viagem a Nápoles*, in P.M. Monteiro e J.K. Eugênio (orgs.), *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*, cit., pp. 565-582.

<sup>20</sup> M. Serao, *Il ventre di Napoli*, a cura di P. Bianchi, Roma, Avagliano Editore, 2002.

O curso das coisas humanas contrariaria, porém, as expectativas. Um episódio atuaria na origem dessa modernização brasileira: a proibição do tráfico negreiro em 1850 pela lei Eusébio de Queirós. Os capitais engajados na importação de escravos africanos, as maiores e mais sólidas fortunas brasileiras da época, ficariam disponíveis, acessíveis ao crédito, o que em pouco tempo fez dos antigos traficantes «verdadeiros magnatas das finanças do Império»<sup>21</sup>. Situar esse fato na origem da modernização brasileira significava denunciar seu fracasso, atestar seu caráter extrínseco, artificial. Com efeito, a lei Eusébio de Queirós não exprimiu a autonomia da nação que acertava as contas com seu passado escravocrata, mas a falta dela: teria sido ela promulgada a fim exclusivamente de preservar a soberania do Brasil perante as intimidações da Inglaterra, autorizada pelo seu Parlamento a deter navios negreiros que se dirigissem ao Brasil (o *Aberdeen Act*). Propriamente falando, não foi o Brasil quem proibiu o tráfico negreiro em seus portos, teria sido sim o Brasil proibido, por uma potência forasteira, de traficar escravos: a heteronomia desse auspicioso processo (abolicionista) indicaria a heteronomia de outro processo, dele decorrente, o da modernização do país. Aquelas teriam sido transformações superficiais, «mudanças [...] entre nós epidérmicas»<sup>22</sup>, não afetariam a substância da nação, acometendo pouco ou quase nada «o patriarcalismo e personalismo fixados entre nós»<sup>23</sup>.

Para boa parte da Europa, ingressar na modernidade representou meter em crise as formas de consciência tradicionais, pôr-se em querela com o antigo<sup>24</sup>, o Brasil, em vez disso, seguindo uma estrada toda sua, adentrou os limiares da modernidade carregando consigo «sobrevivências arcaicas»<sup>25</sup>. O país progredia, aboliu a escravidão e viu nascer a economia de mercado, na intimidade, contudo, permanecia nação de escravocratas, governados por modos de vida caducos e obsoletos.

Nessas terras, os ideais da burguesia revolucionária revelaram sua essência abstrata. A introdução deles na vida nacional significou simplesmente a introdução de um discurso inaudito – que seduzia «pelas palavras [...] de virtude quase sobrenatural [...] que tudo resolvem de um gesto, como as varas mágicas»<sup>26</sup> – e não de costumes novos, mais racionais e laicos. Na prática, seguiam atuantes modos de vida rústicos, caracterizados pela preeminência de uma de organização social de tipo familiar, centrada no poder irresistível dos pater-famílias e reproduzida por uma *forma mentis* ainda poética, fortemente ligada ao corpo e mais propensa a sentir do que a entender. Em pleno dezoito, no Brasil, era ainda a família patriarcal «o modelo obrigatório de qualquer composição social»<sup>27</sup>; do ambiente doméstico, passando pelas relações de produção até a política, ela «fornecia a ideia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens»<sup>28</sup>. Ao mesmo tempo, atuava diretamente na configuração dessa sociabilidade «uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras»<sup>29</sup>, portanto, uma sorte de mentalidade ainda rude, pueril, gravada pela prerrogativa do corpo e do emocional, a despeito dos dons do espírito puramente racionais.

---

<sup>21</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 76.

<sup>22</sup> S.B. de Holanda, *Elementos básicos da nacionalidade...*, cit., p. 624.

<sup>23</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 79.

<sup>24</sup> Cfr. P. Hazard, *La crise de la conscience européenne*, Paris, Fayard, 1994.

<sup>25</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 180.

<sup>26</sup> Ivi, p. 165.

<sup>27</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 146.

<sup>28</sup> Ivi, p. 82.

<sup>29</sup> Ivi, p. 61.

Não espero aqui fazer de Buarque um viquiano *avant la lettre*. Meu propósito é sim testar o potencial de certas elaborações de Vico no âmbito das teses de Buarque sobre a nacionalidade ou natureza do brasileiro. Para o leitor mais ou menos assíduo da obra de Vico, *Raízes do Brasil* pode decerto dar a impressão de agenciar a viquiana «história ideal eterna», aquela «sobre a qual transcorrem, no tempo, as histórias de todas as nações»<sup>30</sup>. De fato, a inquirição do caso brasileiro na condição de acontecimento único, irrepitível, se beneficia do cotejo com um modelo geral do curso histórico. Sobrecarregada em Vico de implicações metafísicas, a «história ideal» teria ali sua valência abreviada, exercendo o papel estrito de esquema racional, encima do qual dispor ordenadamente as circunstâncias históricas de um povo. É o que parece indicar aquele uso da preposição «sobre» instaurando a subordinação entre as orações e, assim, entre «a história ideal eterna» e «as histórias de todas as nações», como se o caso fosse o de uma sobreposição, de algo sendo posto encima de algo, e não o da simples conformação das duas histórias. Nada diferente do que vemos, por exemplo, na *Tábua Cronológica* da *Scienza nuova*. Por meio dela, Vico espacializa o curso ideal da história, seu “dever ser”, tal como medita a filosofia, e «sobre» ela, como num quadro sinótico, organiza os episódios específicos da vida dos povos<sup>31</sup>, o “homem como ele é”, infundindo-lhes constância e inteligibilidade, pois a mente – ele explica – «é naturalmente levada a deleitar-se com o que é uniforme»<sup>32</sup>.

Tal esquema racional ofereceria ao historiador, ainda, os parâmetros para a comparação das histórias dos diferentes povos e os seus ritmos próprios: os avanços ou atrasos de umas em relação ao curso das outras, permitindo, assim, mensurar seus progressos e retrocessos. Poderia ser essa uma lição da *Scienza nuova* para a Teoria da América de Buarque, *scienza* que o memorável Meinecke classificou de o «novo organon»<sup>33</sup> do pensamento histórico. A uniformidade da «história ideal eterna» permitiria a Buarque elucidar as «condições especiais do nosso desenvolvimento histórico»<sup>34</sup> e representar um curso histórico anômalo e instável, como o brasileiro. Ainda que se pudesse, por desvio do padrão de normalidade, diagnosticá-lo um caso de patologia histórica – reduzindo a uma doença nacional o problema do subdesenvolvimento do país –, o caso parece ser mais o da imprevisibilidade histórica ou da «defasagem»<sup>35</sup>.

Interrompendo o ímpeto da mente pela constância e uniformidade, Buarque verificaria na evolução do Brasil não a sucessão de idades, mas uma sobreposição ou confusão de fases da história. Ímpetos de naturezas diversas, dirigidos em direções opostas, marcariam a vida nacional desde a proibição do tráfico negreiro até, pelo menos, a época em que Buarque escrevia seu livro. De um lado, o ímpeto geral da civilização europeia rumo à empresa capitalista, na direção do liberalismo político e da secularização da sociedade; do outro, uma intrínseca apatia, inclinada à conservação do patriarcalismo e do personalismo típicos de um estado de família pré-político:

Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o cidadão e

<sup>30</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 348, § 6.

<sup>31</sup> Resultantes do estudo «das línguas e dos feitos dos povos [...] os costumes e as leis», que Vico chamou de «filologia» (Ivi, § 139).

<sup>32</sup> Ivi, § 204.

<sup>33</sup> F. Meinecke, *El historicismo y su genesis*, cit., p. 53.

<sup>34</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 182.

<sup>35</sup> Cfr. V. Flusser, *Defasagem*, in Id., *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998, pp. 75-92.

cosmopolita ao regional ou paroquial. A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia<sup>36</sup>.

Tudo o que representaria sucessão de idades pela ótica da história ideal, aparece na do Brasil confusamente misturado; fases da vida dos povos, que idealmente constituiriam uma série ou sequência, compõem ali sobrepostas. O Brasil parece se apresentar nas páginas de Buarque, às vezes, como um caso de nação que apressou seu curso natural, não caminhou «com justo passo», alcançando imaturamente etapas avançadas de sua história, tal como Vico admitiu ter sido o caso da nação grega após a chegada dos «filósofos» e da França na época em que Pedro Lombardo ensinava «a sutilíssima filosofia escolástica»<sup>37</sup>, temperando, de certo modo, o rígido modelo das três idades.

4. O modo como Buarque expõe essa faceta antiquada da sociedade brasileira reforça, em muito, a hipótese de uma influência viquiana. Suas descrições parecem, do início ao fim, levar em consideração atentamente as exposições da *Scienza nuova* relativas aos primeiros tempos da Idade dos Heróis e dos últimos da Idade dos Deuses, isto é, antes das «contendas agrárias» e da formação dos «senados heroicos», tempos marcados pelas famílias formadas também por fâmulos; um período da história o mais primitivo e impolido possível, anterior ao surgimento das primeiras *polis*, ainda assim notável pela benignidade emanada da «proteção» virtuosa dos mais débeis pelos heróis, fazendo dos seus “lares”, com o tempo e graças ao costume de irem ali os desafortunados encontrar abrigo e salvamento, «asilos».

Uma evidência da presença de Vico nas páginas de Buarque encontramos no detalhamento do que seria «a base e o centro» da clássica organização social desde a época do Brasil colônia, linhas que se poderiam dizer tiradas do Livro Segundo da *Scienza nuova*:

Os escravos das plantações e das casas, e não somente os escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-famílias. Esse núcleo bem característico em tudo se comporta como seu modelo da Antiguidade, em que a própria palavra “família”, derivada de *famulus*, se acha estritamente vinculada à ideia de escravidão, em que mesmo os filhos são membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os *liberi*<sup>38</sup>.

Como nos faz ver a etimologia, também no Brasil de Buarque a nota definidora da família é a presença nela dos *famulus*. O efeito imediato dessa associação em *Raízes do Brasil* foi estender a ideia do «círculo familiar», introduzindo, junto aos filhos, a figura do fâmulos, que reúne indistintamente tanto os escravos quanto os agregados.

A escravidão abordada por Buarque havia sido certamente bem distinta da encontrada por Vico no alvorecer dos tempos heroicos: foi um negócio, um comércio lucrativo. Os africanos principalmente foram lá vendidos e comprados, portanto, negociados com base no dinheiro e nos pactos comerciais, situação, vale dizer, inimaginável no contexto do heroísmo primitivo dissertado na *Scienza nuova*. De acordo com Vico, porque os homens daquela Idade «não cuidavam senão das coisas necessárias à vida, não colhendo outros frutos senão os naturais» e porque eram «quase totalmente corpo», o que quer dizer que

---

<sup>36</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 78.

<sup>37</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 158, § 159.

<sup>38</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 81.

nada abstraíam, também não podiam entender «a utilidade do dinheiro» e nem conhecer «os contratos que hoje dizem cumprir-se somente com o consenso»<sup>39</sup>.

As origens humanas, não heroicas (por isso perversas, da escravidão) no Brasil produziram, em tese, um fenômeno bem diverso, irreduzível ao das antigas «clientelas», ou da «escravidão heroica» nascida da comunicação das utilidades: daquela dos débeis, que encontravam nos pais a proteção de suas vidas, e da dos heróis, que recebiam em troca o cultivo dos campos. Mas, pelo que tudo indica, é jogando com essa irreduzibilidade e distinção de princípios que Buarque elabora a sua hipótese sobre a singularidade do fenômeno brasileiro. Lemos naquela passagem que os escravizados (da lavoura ou de casa) viriam acolhidos pelos pater-famílias na condição mesma de «*famulus*», efetivamente partes constitutivas do «círculo familiar». Nessa exata medida, viriam tragados para dentro de uma atmosfera de virtude e cordialidade heroicas, e acolhidos, assim, numa condição de protegidos, «esboços dos escravos que em seguida se fizeram nas guerras, nascidos depois das cidades»<sup>40</sup>. Não obstante sua natureza humana e cruelmente deliberada, nascida muitíssimo depois das cidades e em nada semelhante àquela piedosa e espontânea dos primeiros tempos, a escravidão no Brasil restituiria inusitadamente padrões de sociabilidade específicos do primeiro heroísmo, identificados por uma sorte de generosidade, ou *fides* heroica, e pela fixação de laços afetivos, de amizade – «amizade nobre e senhoril [...] vil e servil»<sup>41</sup> –, entre pais e fâmulos, ainda que fossem eles escravos comprados.

Isso teria dado contornos únicos à nossa escravidão, aptos a sugerir a controvertida tese da democracia racial. Tratava-se de inserir o escravizado na esfera afetiva das relações domésticas, da intimidade. Das páginas de Buarque emerge a ideia de que o africano e o índio escravizados padeceriam, numa parte considerável das vezes, daquela generosidade, o que tenderia, não sem polêmicas, a temperar a desumanidade da escravidão com certa, ainda que arcaica, magnanimidade dos escravocratas brasileiros. «Com frequência as suas relações com os donos oscilavam da situação de dependente para a de protegido, e até de solidário e afim»<sup>42</sup>.

Era tal a intimidade com o gentio que viria publicado em 1726 uma ordem de Portugal, que proibia mulatos (descendentes de africanos e europeus) e a «brancos casados com mulheres de cor» de assumirem cargos públicos em Minas Gerais. Porém, viu Vico no apêndice à *dignidade* LXIX: «a escola pública dos princípios é a moral dos povos»; daí, porque a discriminação e a segregação institucionais iam exatamente contra «a natureza das coisas humanas civis»<sup>43</sup>, não correspondendo aos costumes da época, «estavam condenadas a ficar no papel e não perturbavam seriamente a tendência da população para um abandono de todas as barreiras [...] entre brancos e homens de cor, livres e escravos»<sup>44</sup>. Os imperativos dessa «tendência» se fizeram sentir muitas vezes – em coincidência com aquela viquiana «escola pública dos princípios» – na própria estrutura político-jurídica do país, desdizendo a essência daquela ordem régia. Um contraexemplo foi o do Governador de Pernambuco, que decretou em 1731, denegando os dispositivos legais contrários, que fosse dado posse ao bacharel Antônio Ferreira Castro, um «mulato», como «procurador», sob a alegação de que «este acidente, [...] o defeito de ser pardo» não representaria obstáculo para «este

<sup>39</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 570.

<sup>40</sup> Ivi, § 556.

<sup>41</sup> Ivi, § 555.

<sup>42</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 55.

<sup>43</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 247.

<sup>44</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 55.

ministério», tendo em vista se tratar de «bacharel formado»; erro seria, alega o governador, por causa desse «acidente», empossar «um homem que não é formado, o qual nunca poderia ser por lei, havendo bacharel formado»<sup>45</sup>. O ato do governador não só confirmaria a suposta existência de um direito natural, revelando-se mera posituação jurídica dos costumes, mas demonstrava que a miscigenação – a mistura do europeu com o gentio –, reflexo da efetiva intimidade e familiaridade entre eles, foi regra no Brasil e não exceção, havendo «mulatos» nos mais elevados cargos públicos.

A ideia de família na raiz da vida brasileira é aquela própria ao início das coisas civis e permeada pela autoridade irresistível dos pater-famílias: o «rei» ao qual o «círculo familiar», inclusive os filhos que «se disseram *liberi*»<sup>46</sup>, se submete absolutamente. O paternalismo à brasileira equivaleria, sobre vários aspectos, àquele dos «impérios paternos ciclópicos» de Vico, dentro dos quais tinham os pais o «direito sobre as pessoas» e, portanto, «o direito de vida e de morte [...] sobre os próprios filhos»<sup>47</sup>, como Agamenon, lembrado por sacrificar a «filha Efigênia», e Brutus «que decapita dois dos seus filhos»<sup>48</sup>. Também em solo brasileiro, os pais exerciam um poder ilimitado, observou Buarque, e aos exemplos viquianos de Agamenon e Brutus compara aquele de Bernardo Vieira de Melo. Cavaleiro da Casa Real, neto de Antônio Vieira de Melo, primeiro nobre português a chegar ao Brasil, e famoso pela bravura guerreira com a qual enfrentou índios amotinados e negros aquilombados, Bernardo – conta Buarque – «suspeitando a nora de adultério, condena-a à morte em conselho de família e manda executar a sentença»<sup>49</sup>, e o crime acontece sem que qualquer autoridade civil tentasse impedi-lo ou mesmo punir o assassinio, apesar da publicidade dada aos fatos pelo fidalgo. Outro exemplo dos impérios ciclópicos tropicais encontramos nas páginas de Gilberto Freyre<sup>50</sup>. Colocando também o pátrio poder ilimitado no íntimo da formação nacional brasileira, Freyre diz que, não raro, os próprios senhores mandavam matar os filhos. Ele narra a história de um desses patriarcas, Pedro Vieira, que após «descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho»<sup>51</sup>. Essas descrições retratam exemplarmente a bárbara incivilidade desses costumes brasileiros, ao mesmo tempo, elucidam sua filiação aos valores da nobreza e de heroísmo, que nos tempos primitivos magistralmente narrados por Vico, não estiveram jamais dissociados nem da força física, nem da violência.

Emerge destas descrições das coisas brasileiras uma imagem ambivalente dos pater-famílias, igualmente violento e generoso, ambivalência associada também ao heroísmo dos primeiros tempos e exemplarmente capturada por Aristóteles que, segundo Vico, «alçou a preceito da arte poética que os heróis, que se tomam como sujeitos das tragédias, não sejam eles nem ótimos nem péssimos, mas de grandes vícios e grandes virtudes entremeados»<sup>52</sup>. Essa benignidade muito contribuiria para a feição também ambivalente da cordialidade peculiar ao brasileiro, sintetizada no tipo ideal do «homem cordial» de Buarque. Caracterizado pela «lhaneza no trato, hospitalidade, generosidade», comportamentos,

---

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 556.

<sup>47</sup> *Ivi*, § 582.

<sup>48</sup> *Ivi*, § 517.

<sup>49</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 82.

<sup>50</sup> G. Freyre, *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Recife, Global editora, 2003.

<sup>51</sup> *Ivi*, p. 41.

<sup>52</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 708. Também neste sentido se pode falar da representação oximórica do herói. Cfr. E. Nuzzo, *Gli “Eroi ossimorici” di Vico*, in Id. (a cura di), *Eroi ed età eroiche attorno a Vico*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2004, p. 211.

poderíamos dizer, equivalentes à virtude protetiva de que fala Vico, o cordial, ademais, é um tipo humano egoísta e autoritário, insensato, se portando, em boa parte das vezes, guiado por paixões fortes e robustos sentidos. Já por isso, cordialidade nada teria a ver aqui, como se poderia supor, com «boas maneiras» ou «civildade», seria sim a expressão legítima «de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante»<sup>53</sup>.

O afamado «homem cordial» de Sérgio parecia ser, neste sentido, de «heroica natureza», tal como a definiu o Corolário, *De' costumi eroici*, da *Scienza nuova*, um homem, portanto, de «violentíssimas paixões» e, inversamente, de «curtíssimo entendimento» e nenhuma «reflexão». Porque naturalmente dados às paixões, que são uma passividade da alma e uma dependência dela daquilo que a afeta de fora, foram ainda os heróis «acessíveis, ressentidos, magnânimos e generosos»<sup>54</sup>. As interações sociais e as formas de associação entre os indivíduos não viriam nunca modeladas tomando por base ou interesses em comum ou ideias e convicções compartilhadas, mas unicamente por «vinculação de sentimentos», através de «vínculos biológicos e afetivos»<sup>55</sup>, como geralmente ocorre no «recinto doméstico» ou «entre amigos».

Analogamente à «primeira nobreza das nações», aquela brasileira teria sido, também, *contadina*, dando contornos a uma civilização rústica, quase feudal, espacialmente disposta em torno dos «campos de cultivo», da «agricultura»<sup>56</sup>. O engenho, isto é, o latifúndio açucareiro, funcionava como «um organismo completo [...] se bastava a si mesmo»<sup>57</sup>. Como nas casas da Roma antiga, também aqueles eram lugares religiosos. Em meio às paisagens bucólicas dos engenhos de açúcar, tais como altares incrustados na mata, se destacavam as Capelas onde vinham rezadas as missas e a subordinação dos capelães aos pater-famílias era tal que em muito fazia lembrar a concepção viquiana dos pais também sacerdotes e líderes da religião doméstica, a despeito ali da hierarquia da Igreja, dos Bispos e do Papa. Essa atmosfera de religiosidade permeava também o sepultamento dos mortos, dando vida a um culto, segundo Freyre, «que lembra o dos antigos gregos e romanos»<sup>58</sup>, e que bem se adequaria às teses de Vico sobre aquele «outro grande princípio da humanidade [...] as sepulturas»<sup>59</sup>. Os mortos vinham sepultados, em geral, dentro das próprias casas, ou nas Capelas anexas, «continuavam sob o mesmo teto que os vivos», mantendo a coesão da família com a presença do parente morto e reforçando a crença milenar na imortalidade das almas. Os mortos, observa Freyre, simplesmente mudavam de posto na hierarquia familiar, achavam-se, então, «Abaixo dos santos e acima dos vivos»<sup>60</sup>.

Os engenhos eram lugares de cultura, por oposição aos lugares naturais, não-cultivados. Buarque o confirma ao notar neles a presença da «escola de primeiras letras», onde, segundo ele, «o padre-mestre desasnava meninos»<sup>61</sup>. Não se buscava com essas escolas, por certo, formar homens doutos, mas sim, como se lê, desasná-los. Verbo incomum, desasnar expressa a ação de instruir e o faz evocando uma imagem bem sugestiva: a da saída ou subtração de uma condição, aquela do asno, animal frequentemente associado no imaginário brasileiro à estupidez, à rudeza e impolidez dos modos, ao bruto. A ideia era a de que as

<sup>53</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 147.

<sup>54</sup> G. Vico, *Princìpi di Scienza nuova*, cit., § 708.

<sup>55</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 79.

<sup>56</sup> G. Vico, *Princìpi di Scienza nuova*, cit., § 563.

<sup>57</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 80.

<sup>58</sup> G. Freyre, *Casa-grande & Senzala...*, cit., p. 40.

<sup>59</sup> G. Vico, *Princìpi di Scienza nuova*, cit., § 337.

<sup>60</sup> G. Freyre, *Casa-grande & Senzala...*, cit., p. 38.

<sup>61</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 80.

«primeiras letras» agraciavam os pequenos com uma sabedoria essencialmente civil. Por força mesmo das «letras», da linguagem, e das faculdades da mente ligadas a ela (poéticas e retóricas), neles vinha formado o «senso comum», semeador de costumes humanos, consumando uma educação, por isso mesmo, «humana», contrastante àquela «ferina», em que as crianças, abandonadas pelas mães, cresciam sozinhas e sem ouvir nem aprender vozes humanas, assim transformando-se em gigantes *bestioni*. Façanha idêntica àquela ancestral de Orfeu e Anfione, que, segundo suas fábulas, moviam animais ferozes, árvores e pedras só com a palavra: «tornava mansas e tolerantes [...] as almas de homens violentos e ferozes, semelhantes [...] a bestas»<sup>62</sup>.

Não faltam finalmente indicações que conferem aos engenhos o mister dos asilos. Ainda segundo Buarque, esses eram espaços também de cultura, no sentido do cultivo dos campos, das plantações e das criações, garantia de alimento para a família, mas, ainda, do alimento «com que se recebiam os hóspedes, frequentemente agasalhados»<sup>63</sup>. Tal como os feudos dos primeiros tempos, os engenhos formavam aquelas “clareiras” de que fala Grassi: certos lugares sobressaídos da densa floresta pela labuta do «engenho» (aqui em sentido viquiano, de faculdade poética ou criativa da mente), dentro dos quais os vagabundos sem família, sujeitos aos infortúnios da selvática errância, encontram proteção e, compartilhando das comodidades da *humanitas*, ao mesmo tempo ingressam na «história»<sup>64</sup>. Freyre insistiria nessa importância dos engenhos do final do dezoito: funcionavam como «um convento português» da Idade Média, com funções tanto «de hospedaria» quanto «de santa casa». A construção mesma das casas em único pavimento rodeado de alpendres funcionava como convite aos estranhos, signo de uma «hospitalidade fácil, derramada» dos «senhores de Engenho»<sup>65</sup>. Freyre reforça suas impressões evocando oportunamente os relatos de viagem de Nicolau Dreys, que narram a presença nas fazendas do Rio Grande de inícios do dezenove do costume de soar o sino na hora da comida, do mesmo jeito que se fazia nos «conventos medievais», para chamar à mesa os «viajantes vagando pelo campo» e os «desvalidos da vizinhança»<sup>66</sup>, e surpreendeu bastante Dreys a magnificência dos senhores ao asilar a todos indistintamente, nunca enxotando da mesa quem quer que fosse. Oriundos de famílias nobres europeias, a benevolência desses pater-famílias em terra estrangeira e selvagem faria deles vetustamente nobres, ou naquele “antiquíssimo” sentido, muito anterior ao surgimento das primeiras cidades, «dos heróis políticos» que vieram antes «dos heróis das guerras»<sup>67</sup>, fundadores da *humanitas*, como Hércules, o desmatador da selva Nemeia e primeiro anfitrião do Peloponeso.

---

<sup>62</sup> F. Petrarca, *Ao mesmo Tommaso da Messina, sobre o estudo da eloquência*, trad. N. Bignotto, in N. Bignotto, *Origens do Republicanismo moderno*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001, pp. 223-236, p. 225.

<sup>63</sup> S.B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 80.

<sup>64</sup> E. Grassi, *Vico y el humanismo: ensayos sobre Vico, Heidegger y la retórica*, trad. esp. de J.N. Pérez, Barcelona, Anthropos, 1999, pp. 156-157.

<sup>65</sup> G. Freyre, *Casa-grande & Senzala...*, cit., p. 37.

<sup>66</sup> *Ibidem* (N. Dreys, *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1961).

<sup>67</sup> G. Vico, *Principi di Scienza nuova*, cit., § 3.